

## PRESENÇA DE PÓLIPO NO OUVIDO EXTERNO DE CANINO COM OTITE CRÔNICA – RELATO DE CASO

MARTINUZZI, Pâmela Ayres<sup>1</sup>; VIANA, Alessandra Nazário<sup>1</sup>; KUSSLER, Arieli<sup>1</sup>; SILVA, Aline Alves da<sup>2</sup>

**Palavras-Chave:** Otite Crônica. Pólipo. Cão

### Introdução

Dentre as patologias auditivas que acometem os cães, a otite externa representa uma das mais importantes, atingindo uma prevalência de até 20 % na população canina (McKEEVER & TORRES, 1988). Na espécie felina, está relacionada, na maioria das vezes, com etiologia parasitária (WOOD & FOX, 1987; HARVEY et al., 2004).

A ampla diversidade de agentes etiológicos envolvidos e a diferente susceptibilidade dos mesmos aos antibióticos e quimioterápicos dificultam a escolha da terapia a ser realizada, tornando necessária a colheita de material do canal auditivo externo para exames laboratoriais. A não aplicação desse procedimento leva a utilização de antimicrobianos impróprios possibilitando seleção de cepas resistentes e cronicidade das otites (McKEEVER & TORRES, 1988). Essa enfermidade pode ser conceituada como inflamação, aguda ou crônica, do meato acústico externo com o envolvimento de diferentes agentes etiológicos e fatores predisponentes e perpetuantes (WHITE, 1999; MOTTA et al., 2000; LEITE et al., 2003; ROSA et al., 2006). Entre as causas de persistência da enfermidade está a presença da levedura *M. pachydermatis*. O significado da *M. pachydermatis* na etiologia da otite externa foi durante muito tempo questionado, mas já se demonstrou seu importante papel na patogênese dessa enfermidade (CHENGAPA et al., 1983; MANSFIELD et al., 1990; NOBRE et al., 2001). A *M. pachydermatis* é considerada um habitante normal da microbiota cutânea e ocasionalmente patogênica oportunista do meato acústico externo de cães e gatos, também podendo ser encontrada no reto, boca, pele interdigital, tegumento cutâneo, sacos anais e vagina (CARLOTTI, 1997).

---

<sup>1</sup> Acadêmica do curso de Medicina Veterinária, Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ), RS. [alle.nazario@hotmail.com.br](mailto:alle.nazario@hotmail.com.br)

<sup>1</sup> Acadêmica do curso de Medicina Veterinária (UNICRUZ), RS. [arielikussler2011@hotmail.com](mailto:arielikussler2011@hotmail.com)

<sup>1</sup> Acadêmica do curso de Medicina Veterinária, (UNICRUZ), RS. [pamela.martinuzzi@hotmail.com](mailto:pamela.martinuzzi@hotmail.com)

<sup>2</sup> Professora Dr, curso de Medicina Veterinária, UNICRUZ, RS. [alinesa@bol.com.br](mailto:alinesa@bol.com.br)

## Material e Métodos

Um canino macho, Cocker Spaniel, 11 anos de idade, foi encaminhado ao Hospital Veterinário da UNICRUZ, com histórico de otite crônica no ouvido direito. Segundo informações fornecidas pela proprietária o animal apresentava a doença há muito tempo realizando-se vários tratamentos com soluções otológicas, que pareciam ineficazes, pois o cão continuava com o hábito de coçar o ouvido, além de apresentar odor forte no ouvido direito. Relata a mesma, que três meses antes de encaminhar o animal para o Hospital Veterinário levou-o em uma clínica em sua cidade, onde o médico veterinário pelo exame clínico constatou que o animal apresentava um pólipio no ouvido direito. O pólipio era uma massa macia, de coloração avermelhada, único. Realizou-se citologia da secreção do ouvido e essa confirmou a presença de *M. pachydermatis*. O veterinário receitou prednisolona 5 mg, 1 comprimido, 2 vezes ao dia, por 2 dias. Após 1 comprimido uma vez ao dia. Enrofloxacina 150 mg, meio comprimido, duas vezes ao dia e um ceruminolítico tópica para ser instilado no conduto auditivo externo para retirada do excesso de cerúmen e outras sujidades. O tratamento foi de suma importância, ajudando a diminuir a quantidade de cerúmen e reduzindo o tamanho do pólipio. Entretanto, observou-se que após o término do uso dos medicamentos o pólipio aumentou de volume comprometendo o conduto auditivo do animal. No Hospital Veterinário da UNICRUZ, foi indicada a cirurgia para a retirada do pólipio, porém antes instituiu-se tratamento com solução otológica contendo tiabendazol, neomicina, dexametasona e lidocaína durante os sete dias pré operatórios. Realizada a exérese total do pólipio o animal recuperou-se bem do procedimento cirúrgico.

## Resultados e Discussões

O cão com otite externa geralmente apresenta história de infecção recorrente ou crônica, onde, normalmente o proprietário já tentou vários medicamentos auriculares, sem resposta satisfatória; sendo este um sinal para o veterinário averiguar mais profundamente o conduto, verificando se há doença no ouvido médio (GOTTHELF, 2000; NOBRE et al., 2001). O cão dessa narração apresentou histórico de cronicidade da doença o que compactua com os autores acima. A anatomia do pavilhão auricular de algumas raças, canais estenóticos, orelhas pendulares, doenças subjacentes, como as alergias, umidade, doenças sistêmicas ou imunossupressoras e efeitos de tratamentos anteriores, não causam diretamente a otite, mas aumentam o risco de seu desenvolvimento, pois podem atuar em conjunto com a causa primária no estabelecimento da

doença clínica (WHITE, 1999; HARVEY et al., 2004). Muitos autores consideram a raça Cocker Spaniel de maior susceptibilidade a otite (BABA et al., 1981) confirmando-se com a raça descrita.

A maioria dos autores confirma não ter observado predisposição da otite relacionada ao sexo dos animais (MOTA et al., 2000; MACHADO et al., 2003). Na literatura, há grande diversidade de citações quanto à faixa etária mais acometida (HARVEY et al., 2004). Embora MAGALHÃES et al (1985) tenham relatado uma maior ocorrência em animais com idade superior a 5 anos, sustentando a idade avançada do paciente mencionado.

Os fatores primários, para a otite, compreendem: hipersensibilidade alterada (CURTIS, 2004), presença de parasitas, corpos estranhos, desordens de ceratinização, imunopatias (OLIVEIRA, 2004), tumores e pólipos auriculares (LITTLE e LANE 1989). Faz parte desse relato mencionar a presença de pólipo auricular no conduto auditivo direito inverso ao conduto que apresentava a otite por *M. pachydermatis* que conforme (CHENGAPA et al., 1983; MANSFIELD et al., 1990; NOBRE et al., 2001) é uma das principais etiologias das otites recidivantes.

## **Conclusão**

A incidência de otite canina é alta, principalmente nos cães que apresentam orelhas pendulares, pois há local adequado para o desenvolvimento da microbiota bacteriana. O presente estudo enfatiza a necessidade de avaliação clínica individualizada nos quadros otite externa, pois os quadros podem ser agravados levando, por exemplo, à formação de pólipos, que comprometem o conduto auditivo do animal.

## **Referências Bibliográficas**

- BABA, E.; FUKATA, T.; SAITO, M. Incidence a otitis externa in dogs anda cats in Japan. The Veterinary Record, 1981.
- CARLOTTI, D. N. Canine and feline superficial fungal skin infections. **Veterinary Quarterfly**, 1997.
- CURTIS CF (2004). Current trends in the treatment of Sarcoptes, Cheyletiella and Otodectes mites infestations in dogs and cats. *Veterinary Dermatology*, 15: 108-114.
- GOTTHELF, L.N. Factors that predispose the ear to otitis externa. In: *Gotthelf small animal ear diseases na illustrated guide*. 1.ed., p.16; 122, Philadelphia: Editora W.B. Saunders Company, 2000.

HARVEY, R. G.; HARARI, J; DELAUCHE, A. J. **Doenças de ouvido em cães e gatos**. Rio de Janeiro: Revinter, 2004, 272 p.

LEITE, C. A. L.; ABREU, V. L. V.; COSTA G. M. Frequência de *Malassezia pachydermatis* em otite externa de cães. **Arquivos Brasileiros de Medicina Veterinária e Zootecnia**, v. 55, n. 1, p. 102-104, 2003

LITTLE CJL, LANE JG An evolution of tympanometric, otoscopy and palpation for assessment of the canine tympanic membrane. **The Veterinary Record**, 1989.

MACHADO, M. L. S.; APPELT, C. E.; FERREIRO, L.; GUILLOT, J. Otites e dermatites por *Malassezia spp.* em cães e gatos. **Clínica Veterinária**, n. 44, 2003.

MAGALHÃES, M.J.; SILVA, N.; MARQUES JUNIOR, A.P. Otite externa em cães atendidos no hospital veterinário da UFMG. **Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia**, 37.

McKEEVER, P.J. & TORRES, S. **Otitis externa**. *Companion animal Practice*, 2. 1988.

MOTA, R. A.; FARIAS, J. K. O.; SILVA, L. B. G., LIMA, E. T. DE ; OLIVEIRA, A. A. F. ;

MOURA, R. T. D. Eficácia do Otomax no tratamento da otite bacteriana e fúngica em cães. **A Hora Veterinária**, v. 19, n. 113, 2000.

OLIVEIRA LC (2004). Otite média e externa bilateral em cães. **Tese de Mestrado**. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Brasil, 114.

ROSA, C. S.; MARTINS, A. A.; SANTIN, R.; FARIA, R. O.; NOBRE, M. O.; MEIRELES, M. C. A.; MADRID, I. M.; NASCENTE, P. S. *Malassezia pachydermatis* no tegumento cutâneo e meato acústico externo de felinos hígidos, otopatas e dermatopatas, no município de Pelotas, RS, Brasil. **Acta Scientiae Veterinariae**, v. 34, 2006.

WOODY, B.J. & FOX, S.M. **Otitis externa: Seeing past the signs to discover the underlying cause**. *Veterinary Medicine*, 81. 1986.

WHITE, P.D. Medical management of chronic otitis in dogs. **The Compendium on Continuing Education for the Practitioner Veterinary** v. 21, n. 8, p. 716-727, 1999.